



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



RAFAEL FELISBINO FLEITAS CERQUEIRA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PEDAGOGIA DO ESPORTE E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**DOURADOS – MS
2017**

RAFAEL FELISBINO FLEITAS CERQUEIRA

**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PEDAGOGIA DO ESPORTE E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo Científico apresentado ao curso de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados a ser utilizado como Trabalho de Graduação
Orientadora: Dra. Josiane Fujisawa Filus de Freitas

**DOURADOS – MS
2017**

FOLHA DE APROVAÇÃO

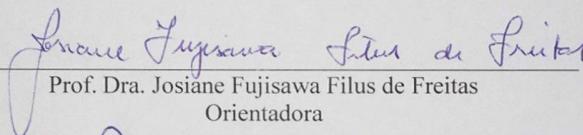
RAFAEL F. FLEITAS CERQUEIRA

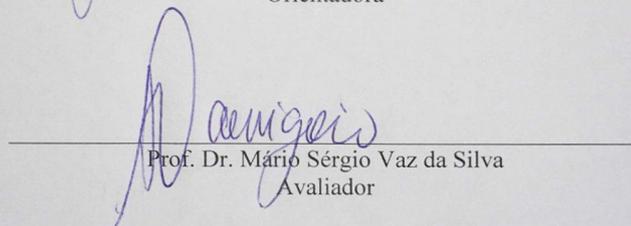
**REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PEDAGOGIA DO ESPORTE E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

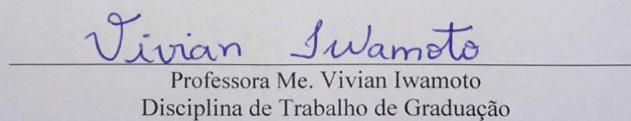
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

() MONOGRAFIA
(X) ARTIGO

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Josiane Fujisawa Filus de Freitas
Orientadora


Prof. Dr. Mário Sérgio Vaz da Silva
Avaliador


Professora Me. Vivian Iwamoto
Disciplina de Trabalho de Graduação

**DOURADOS – MS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C416r Cerqueira, Rafael Felisbino Fleitas
Reflexões Iniciais Sobre a Pedagogia do Esporte e sua contribuição para a
Educação Física Escolar. / Rafael Felisbino Fleitas Cerqueira -- Dourados:
UFGD, 2017.
19f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Josiane Fujisawa Filus de Freitas

TCC (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação,
Universidade Federal da Grande Dourados.

I. Esporte Coletivo. Projeto esportivo. Pedagogia do Esporte.. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PEDAGOGIA DO ESPORTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rafael F. Fleitas Cerqueira¹
Josiane Fujisawa Filus de Freitas²

Resumo: O objetivo deste estudo foi refletir sobre a importância do esporte para a formação da criança, analisando as características deste conteúdo sob a ótica da Pedagogia do Esporte tanto como conteúdo na escola como em projetos sociais. Para este fim, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a qual dividimos em três partes: a pedagogia do esporte; o referencial técnico-tático; e os projetos sociais. Constatamos que discutir e adotar a Pedagogia do Esporte como referência, é romper com o modelo tecnicista de ensino do esporte, considerando que o mecanicismo seja prioridade frente ao pensamento daquele que pratica. Verificamos que ao se falar de tática, não é unânime entre os pensadores a ideia de que os jogos coletivos necessariamente precisam ser executados baseando-se que primordialmente, ela seja o elemento mais importante que a técnica, e que a técnica deve ser dependente dela. No entanto, os estudos convergem no sentido de que as aulas de esportes coletivos possam proporcionar ao aluno muito mais do que o ensino de técnicas, e que estes momentos contribuem também pela formação humana. Conclui-se, assim, que o ensino dos esportes pautado no referencial técnico-tático e da Pedagogia do Esporte possibilitam a criança lidar com suas emoções, com as perdas, com o sucesso, enfrentando situações de identificação e resolução de problemas, conscientização da importância do outro, que o auxiliarão nos diversos momentos de sua vida.

Palavras-chave: Esporte Coletivo. Projeto esportivo. Pedagogia do Esporte.

INITIAL REFLECTIONS ON SPORTS PEDAGOGY AND ITS CONTRIBUTION TO SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Abstract: The purpose of this study was to reflect on the importance of sport for the formation of the child, analyzing the characteristics of this content from the point of view of Sports Pedagogy both as content in school and in social projects. To this end, a bibliographical research was carried out, which we divided into three parts: the pedagogy of the sport; The technical-tactical benchmark; And social projects. We find that discussing and adopting Sports Pedagogy as a reference is to break with the technical model of teaching the sport, considering that mechanismism is a priority over the thinking of the one who practices. We find that when talking about tactics, it is not unanimous among thinkers that collective games necessarily have to be executed on the basis that it is primarily the element that is more important than technique and that technique must be dependent on it. However, the studies converge in the sense that the classes of collective sports can provide to the student much more than the teaching of techniques, and that these moments also contribute by the human

¹ Acadêmico em Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados.
rafafleitas@hotmail.com

² Orientadora Prof. Dra. da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados:
fujifilus@yahoo.com.br

formation. It is concluded, therefore, that the teaching of sports based on the technical-tactical referential and the Pedagogy of Sports enable children to deal with their emotions, with losses, with success, facing situations of problem identification and resolution, awareness of importance. On the other, that will help you in the various moments of your life.

Keywords: Collective Sport. Sport design. Pedagogy of Sport.

1. INTRODUÇÃO

Nossa compreensão parte do esporte, tratado e vivenciado de forma representativa da vida, ou seja, em sua forma resumida e dinâmica, tendo sua estrutura e organização coabitando nesse universo de sentimentos, por qual todo indivíduo já passou ou passará ao longo de sua vida.

Nesse caso, o esporte se demonstra um facilitador de aprendizagem para a vida, dando a oportunidade ao indivíduo de viver uma metáfora da própria condição de sujeito no mundo e do mundo no sujeito, com todas as situações vividas em curtos e rápidos momentos que o jogo propicia. (BALBINO, 2005).

Quando a criança se faz presente em uma aula de Educação Física e se inicia na aprendizagem dos esportes, é notória a importância dos jogos e brincadeiras no processo ensino aprendizagem, pois estes se tornam “ponte” entre as fantasias comuns na infância e a realidade presente. Quando são usados de maneira coerente, são muito úteis para suprir as necessidades dela e o que ela pretende alcançar.

As aulas que possuem ligação com o esporte, especificamente Educação Física, provocam nos alunos o espírito competitivo, a vontade de vencer os obstáculos propostos, a alcançar um resultado satisfatório, independente do grau de notoriedade que este venha a ter. Então, por conseguinte, esta vivência acaba indiretamente interferindo na capacidade de trabalhar em equipe, raciocínio lógico, disciplina, autoestima, socialização, o que faz do esporte, independente da modalidade, uma ferramenta significativa para a formação humana.

Porém devemos manter-nos atentos com possíveis sobrecargas e excessivas exigências com relação aos nossos alunos. Na ânsia de obter resultados rápidos, tanto em relação ao educador como no lado dos pais que desejam realizar seus sonhos através de seus filhos, as crianças podem desenvolver o estresse infantil, nervosismo, sobrecarga, lesões, fadiga mental, frustração e até depressão, além de atrapalhar o desenvolvimento de atividades nas áreas escolares, recreativas e sociais (PEREZ, 2007).

O intuito desse trabalho foi obter um maior entendimento acerca desse assunto, considerando que venho desempenhando um trabalho relativo há cerca de 10 anos com

projeto social, anteriormente denominado PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), hoje: Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Assim, como educador social trabalhando com qualquer modalidade esportiva, precisamos ter o conhecimento de cada aluno para sabermos até que ponto podemos chegar para um melhor desenvolvimento das crianças e jovens. Acreditamos que essas crianças têm potencial para aprender cada vez mais, mas precisam conhecer o caminho, e para tanto, o profissional é quem estará presente auxiliando nessa trajetória.

Assim, o objetivo deste estudo foi refletir sobre a importância do esporte para a formação da criança, analisando as características deste conteúdo sob a ótica da Pedagogia do Esporte tanto como conteúdo na escola como em projetos sociais e o referencial técnico-tático.

2. A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Com a heterogeneidade de teorias pedagógicas e a quantidade significativa de conhecimentos que produzem muitas vezes teorias não convergentes, aumenta a dificuldade do educador para escolher e executar uma metodologia para atuar no esporte. Assim “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” Freire (1996, p. 25).

Paes (2006 apud José Florentino, 2007), no começo do atual século, a Pedagogia do Esporte mostra-se como intervenção dessa dialética e orientadora de novos métodos e estratégias, objetivando trazer uma fundamentação para possibilitar o processo ensino-aprendizagem esportivo. Além disso, a relação da pedagogia com o esporte quando diz que "O esporte assim como outras áreas do conhecimento, integra-se às ciências. Entre os vários ramos da ciência que estudam o fenômeno esporte encontra-se a pedagogia". E ainda acrescenta que:

A modernidade exige que o profissional de Educação Física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, transformando-se em facilitador no processo de educação de crianças e jovens. Nesse contexto, é preciso ir além da técnica e promover a integração dos personagens, o que só será possível se essa proposta pedagógica estiver embasada também por uma filosofia norteada por princípios essenciais para a educação dos alunos.

Às vezes ocorre de alguns professores terem uma postura pessimista que desmotiva o aluno, baseando-se em comportamentos muitas vezes coletivos, acreditando que um indivíduo tem talento ou não tem, e faz disso uma constatação ao mencionar, por exemplo, que um

determinado aluno não tem aptidão para aprender a alguma modalidade esportiva (REVERDITO; SCAGLIA, 2007). A criança nesse momento carregará em seus ombros a responsabilidade que não é dele, a de ser treinado por um mau profissional.

A pedagogia do esporte necessita ser mediada por alguém sensível ao conceito de educação relacionada à formação humana, fazendo o aluno entender que possui autonomia, que pode refletir sobre situações as quais vivencia, dinamizando assim, a sua história e, por conseguinte a de sua comunidade, pois deixará de apenas ser repetidor do que lhe é dado como verdade, para poder fornecer para o mundo também a sua.

[...] em todo momento em que uma prática pedagógica estiver promovendo o desenvolvimento esportivo, que contemple a generosidade e o respeito às regras e adversários, além da tomada de consciência sobre a prática do esporte e sua ideologia, o esporte mostra se educativo (SCAGLIA; SOUZA, 2004, p. 4).

Enfim, a pedagogia do esporte envolve a formação do aluno por completo, a autonomia, o criticismo e o aperfeiçoamento do significado de sua própria história, como dizem Scaglia e Souza (2004, p.7):

Ensinar esportes deve ser entendido como uma prática pedagógica, desenvolvida dentro de um processo de ensino-aprendizagem, que leve em conta o sujeito aluno, seu contexto, além de seus vários ambientes relacionáveis, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo e fazendo interagir o que o aluno já sabe, com o novo, ampliando-se assim, sua bagagem cultural. A aula deve permitir a troca, a interação, sujeito – meio - esporte.

A prática deve ser entendida junto à teoria, usando todo o potencial dos processos metodológicos possíveis que a pedagogia do esporte oferece, servindo de ferramenta para a construção de seres humanos que se conhecem, que questionam que acrescentam, não apenas meros jogadores em busca de vitórias aleatórias.

A utilização da Pedagogia no âmbito esportivo traz questões discutíveis ao *modus operandi* do cotidiano escolar. Não se trata, quando se fala em Pedagogia, somente da prática e modo de ensinar, mas pode ser também:

(...) uma reflexão sobre todo o contexto que envolve a ação educativa, coadunando numa efetiva prática de intervenção. Uma intervenção comprometida, intencional, dirigida, organizada e ciente de suas responsabilidades educacionais (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004, p. 9).

A transmissão do conhecimento, sua contextualização e materialização coerente à realidade do aluno são de responsabilidade do profissional aqui em questão. Este então, ciente dessa responsabilidade, traça naturalmente uma direção pedagógica, mesmo que este não seja um mestre em um conhecimento específico. É necessário que se tenha sensibilidade do Professor de Educação Física quanto à suas atribuições pedagógicas, pois:

(...) quando uma prática pedagógica estiver promovendo o desenvolvimento esportivo o qual contemple a generosidade e o respeito às regras e aos adversários, a noção de consciência sobre a prática esportiva e sua ideologia, aí o esporte irá se mostrar educativo. Por outro lado, "uma prática excludente e seletiva, que impede crianças, adolescentes e jovens de serem livres e de desenvolverem sua autonomia e criticidade, contradiz os atributos educativos [...]" (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2004, p. 11).

Da mesma forma, Libâneo (2002, p. 35) explica que:

[...] para ensinar matemática não basta ser um bom especialista nesta disciplina. É preciso que o professor agregue o pedagógico-didático, ou seja: que conteúdos da matemática-ciência devem constituir-se na matemática-matéria de ensino objetivando a formação dos alunos? A que objetivos sociopolíticos servem o conhecimento escolar da matemática? Que representações, atitudes, convicções são formadas em cima do conhecimento matemático? [...] que sequência de conteúdos é mais adequada à aprendizagem dos alunos, considerando sua idade, nível de escolarização, conceitos já disponíveis dos alunos.

O profissional que leciona Educação Física, o professor, como quaisquer um dos outros componentes curriculares, precisa entender que é dele o papel de levar os alunos a alcançarem a meta relacionada ao conhecimento proposto, e é ele que determinará a qualidade do que tem sido ensinado. No entanto, a busca pelo conhecimento não é exclusividade do professor, todos somos seres pensantes e capazes de construir e aperfeiçoar nosso próprio conhecimento e o educador deve ser o intercessor dessa relação. O professor precisa facilitar ao aluno a auto-suficiência para que ele por si só crie suas estratégias para resolver situações. (MESQUITA; GRAÇA, 2006).

As diretrizes que regem a prática pedagógica no esporte poderiam ter como prioridade o direito ao brincar, e brincar “de esporte” também é educar o indivíduo em sua totalidade (NISTA-PICCOLO, 2003). Esta autora enfatiza que:

Ensinar a praticar esporte é preparar o aluno para executar determinadas habilidades por meio da descoberta do prazer de se exercitar. E conscientizá-lo de suas capacidades e limitações. E mostrar diferentes maneiras de

aprender um movimento. A ludicidade da proposta pode ser o caminho dessa conscientização (NISTA-PICCOLO, 2003, p.11)

É perceptível a importância que o professor de Educação Física exerce na educação do aluno, a fim de que este tenha satisfação, motivação, perspectivas, ao frequentar com as aulas. A pedagogia do esporte oferece a possibilidade da criança confrontar se com suas emoções, com as perdas, com o sucesso, oferece à criança a possibilidade de resolução de problemas, de identificar os problemas, de se conscientizar da importância do outro, de contribuir, de delegar (PEREZ, 2007).

A prática deve ser entendida junto à teoria, usando todo o potencial dos processos metodológicos possíveis que a pedagogia do esporte oferece, servindo de ferramenta para a construção de seres humanos que se conhecem, que questionam que acrescentam, não apenas meros jogadores em busca de vitórias aleatórias. A ideia que Santana (2005) explicita em seu livro é que há necessidade de modificar os programas que oferecem iniciação esportiva para que se adéquem, limitando o desenvolvimento de forma linear, desconsiderando as capacidades individuais.

[...] essa maneira racional de pensar alimenta a falsa crença de que o esporte obedece a um processo linear de desenvolvimento com começo, meio e fim. Ou seja, estabelece-se, *a priori*, uma gênese em que o final da linha é o ideal de atleta pretendido. Logo, às crianças, basta perpassarem as diferentes etapas de treinamento e submeterem-se às suas exigências. O fato é que esse tipo de pedagogia tende a eleger princípios e procedimentos de ensino reducionistas. Por exemplo, suponho que das interfaces modelo de atleta ideal/desempenho/seleção esportiva resultará, além de alguns talentos, na exclusão de uma grande parte das crianças que procuram os diferentes esportes (SANTANA, 2005, p. 03-04).

Deste modo, discutir e adotar a Pedagogia do Esporte como referência, é romper com o modelo tecnicista de ensino do esporte, considerando que o mecanicismo seja prioridade frente ao pensamento daquele que pratica. A seguir, refletiremos um pouco sobre o referencial técnico-tático, o qual prevê esta prática de ensino do esporte pautado na autonomia do aluno e nos seus conhecimentos sobre o jogo, para além da repetição e da mecanização.

3. O REFERENCIAL TÉCNICO – TÁTICO

A execução da pedagogia inserida nas aulas de Educação Física ainda é objeto de questionamento entre os teóricos, veja o que consideram, por exemplo, Mesquita e Graça (2006): “nos últimos anos, o ensino dos esportes coletivos está associado a duas concepções

metodológicas opostas: o ensino descontextualizado das habilidades técnicas e; ensino do jogo formal, abordagens antagônicas que no contexto do jogo se complementam.”

Quanto à primeira abordagem apresentada por Mesquita e Graça (2006), Hernandez-Moreno et. al. (2001 apud Rodrigues, 2013) apontam que a técnica foi, por longo período, o elemento fundamental no desenvolvimento da ação de jogo, tal situação conduziu a um investimento demasiado no ensino da técnica individual. O critério para justificar a adoção dessa metodologia está assentado no princípio de que a soma dos desempenhos individuais provoca a melhoria do desempenho coletivo e que o gesto técnico aprendido de forma analítica pode ser transferido para situações de jogo.

Então estes autores sugerem que se aperfeiçoe o ensino relacionado às técnicas e que técnica e tática devem ser apresentados juntos, já que o que fornece lógica à situação de jogo e também conexão na execução é a tática. O que traz continuidade às situações de jogo é a capacidade de saber o que se deve fazer e qual o momento apropriado pra isto (tática) e não somente ou isoladamente ser hábil para fazer o que deve ser feito (técnica) sem qualquer critério ou organização coletiva e contextual (GARGANTA, 1998). De acordo com este autor, a questão que penaliza o ensino técnico, é que o aluno não encontrará se preparado para solucionar no jogo aquilo que não estiver condicionado ao que lhe foi ensinado.

Na visão de Garganta (1995, apud Rodrigues, 2013), o problema central que se coloca ao indivíduo que joga os esportes coletivos é essencialmente tático, trata-se de resolver uma serie de problemas não previstos. Assim os demais fatores envolvidos no jogo, tais como o aspecto técnico, físico e psíquico tem função de cooperar para o acesso a níveis elevados de desempenho tático. Para operacionalizar didaticamente essa proposta, o autor entende que seria inevitável dividir o jogo, contudo diferente do modelo tradicional de ensino que dividi o jogo em fundamentos básicos (passe/ toque, drible, recepção, arremesso/ chute cortada), nessa abordagem o jogo será dividido em unidades funcionais que preservem características essenciais das modalidades, tais como a cooperação, a oposição e a finalização.

O professor de Educação Física, quanto aos jogos, ao planejar estas aulas, deve levar em consideração que quanto menos pessoas na mesma situação de jogo, maior possibilidade de dinamismo e possibilidades de jogar. Também importa simplificar as regras para que a situação de jogo seja clara, oportuna e dinâmica. Em oposição ao treinamento puramente técnico, e para que se instrua com o objetivo de conscientizar taticamente. Mesquita e Graça (2006, apud Rodrigues 2013), explica que:

Os jogos para compreensão foram propostos em oposição à abordagem técnica e preocupam-se em garantir a compreensão do jogo e a consciência tática de seus objetivos. Para atingir tais objetivos propõe-se uma sequência de seis fases. A primeira delas é a proposição de uma forma de jogo adequada às características dos alunos (faixa etária e nível de experiência), na segunda fase o aluno é levado a apreciar o jogo, com atenção para as características do regulamento, bem como a funcionalidade e lógica do jogo. Na terceira fase é enfatizada a conscientização dos problemas táticos. Na quarta fase o aluno é confrontado com a resolução de questões (o que fazer? e quando fazer?), no sentido de conferir sentido ao uso da técnica. A quinta fase é destinada ao aperfeiçoamento da técnica. Por fim, a sexta fase busca consolidar todo o processo pela integração de todas as fases anteriores, por meio do jogo praticado.

Os jogos selecionados para execução junto aos alunos podem ser selecionados obedecendo alguns critérios, como por exemplo, possibilitar o uso cognitivo e motor dos alunos de forma coerente à situação de jogo. Assim, o professor de educação física, dotado de uma postura incentivadora, pode causar nos alunos uma reflexão no que se refere ao jogo em sua totalidade, considerando o individual e o coletivo, mostrando o caminho e o objetivo ao qual se busca chegar.

Há um estudo referente ao treino nos esportes coletivos, no que tange à sua iniciação (chamado de “iniciação esportiva universal”), de autoria de Greco e Benda (1998), que enfocam os jogos coletivos, permeados pelo ensino de habilidades táticas, orientando o aluno a entender a situação de jogo como um problema que precise de solução. Para a compreensão desta questão e também para que o aluno tenha um resultado positivo com o que se deseja, necessita-se desenvolver também capacidades coordenativas, técnicas, físicas, sociais e psicológicas.

Segundo Kröger e Roth (2002 apud Soares, 2009), propõem a iniciação esportiva de uma maneira diferenciada do que vimos até agora. Nesse projeto, a iniciação esportiva, independente da idade dos alunos, tem a duração de um ano e busca desenvolver habilidades gerais com bolas. Para tanto são utilizadas diversas bolas de tamanhos e pesos diferenciados para que se possa oferecer uma base motora consistente ao aluno, e que este, por sua vez, esteja apto para iniciar um treinamento esportivo ao fim desse ano de iniciação esportiva. Os autores não propõem uma divisão etária, propõem um trabalho de um ano com os alunos com diversos exercícios que estimulem diversas habilidades motoras e psíquicas. Dessa forma, Bayer (1994 apud Michelini, 2007 p.47,48.) postula:

Os princípios operacionais do ataque e da defesa em modalidades coletivas. Estes princípios seriam as funções do ataque e da defesa durante a realização de uma partida. São formas de ação que norteiam o ato de jogar

coletivamente, dão sentido ao jogo e formam a lógica central de sistemas, estratégias, padrões e intenções durante uma partida. Existem com base nas regras e exigências de realização impostas pelos jogos esportivos coletivos e define os princípios operacionais da seguinte maneira: Recuperação da bola; Impedir a progressão dos jogadores e da bola para a baliza; Proteção da baliza. Princípios operacionais do ataque: Conservação da bola; Progressão dos jogadores e da bola para a baliza adversária; Atacar a baliza adversária; marcar um ponto.

O autor ainda cita que toda tática individual e coletiva de uma equipe deverá estar pautada sobre os princípios operacionais das modalidades coletivas. Para Bayer (1994, apud Michelini, 2007) “Estes princípios constituem o ponto de partida, a base, pois representam a origem da ação e definem as propriedades invariáveis sobre as quais se vai unir a estrutura fundamental do desenvolvimento dos acontecimentos”.

De acordo com Rodrigues (2013), há entre os autores ligados ao referencial técnico tático, diversas convergências na forma como os conteúdos específicos do jogo coletivo precisam ser ensinados. Em comum, apresentam a ideia de que os alunos possam ser iniciados no esporte a partir de elementos que permitam a compreensão da lógica tática do jogo, a partir de aprendizagens incidentais (o jogar para aprender) e/ ou intencionais (aprender jogando). Além disso, não há entre as propostas a negação da técnica, mas novas finalidades para o seu ensino, ou seja, o ensino da técnica justifica-se no contexto da tática e não de forma isolada. Essa constatação parece representar uma contribuição para o ensino dos esportes coletivos em projetos esportivos de inclusão social, na medida em que relativiza o ensino descontextualizado das técnicas esportivas, pois em evidência a centralidade da tática na aprendizagem do esporte e elege o jogo como um recurso pedagógico fundamental no processo de ensino aprendizagem.

Essa afirmação justifica-se a partir do entendimento de que os alunos dos projetos de inclusão social não necessitam de elementos que lhes dêem especialidades técnicas em relação ao esporte, uma vez que a apropriação e utilização do esporte circunscrevem-se ao contexto da aula e, principalmente, à vivência do lazer. Por outro lado, espera-se que os alunos tenham a oportunidade de participar de vivências esportivas, nas quais o ensino das técnicas e táticas não sejam um fim em si mesmo, mas que a ênfase recaia sobre o desenvolvimento da autonomia em relação à vivência do jogo, o que não se confunde com o domínio restrito das técnicas esportivas. Nesse sentido, o ensino dos esportes coletivos em benefício da qualidade de vida e ao exercício da cidadania, deve partir de uma abordagem que privilegie o jogo como recurso pedagógico, o entendimento da dinâmica tática do jogo e o ensino da técnica subordinada ao ensino da tática.

Desse modo, um professor de Educação Física pode aplicar os referenciais técnicos táticos em alunos de uma escolinha, com faixa etária variável, objetivando uma integração entre as idades, a socialização e a melhora na qualidade de vida afastando da vulnerabilidade além de despertar o interesse pela prática esportiva profissional.

4. PROJETOS SOCIO ESPORTIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Levantou-se para esta pesquisa bibliográfica, alguns exemplos de projetos enfocando esportes, os quais têm como público alvo, crianças e adolescentes. Seguindo a tendência do interesse pela pedagogia do esporte como centro de discussão, buscou-se também verificar os detalhes desses projetos.

Segundo Zaluar (1994 apud Eiras, 2009), na década de 1980, foi feita a análise de alguns programas educacionais seguindo esta temática. A autora analisou o PROESP (Projeto Esporte), que era feito no Rio de Janeiro. É um observatório permanente de indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e do estado nutricional de crianças e jovens entre 06 e 17 anos, com o objetivo de auxiliar os professores de educação física na avaliação desses indicadores. Esta pesquisadora, ao procurar saber o motivo de as crianças e adolescentes procurarem o projeto, por meio de entrevista, constatou que a maioria (53%) explicou que o motivo era apenas praticar algum esporte, 28% por gostarem de esporte, 12% para ocuparem o tempo e 7% deram respostas. Nas respostas em seguida, os alunos diziam (80%) que gostaria de praticar esportes profissionalmente na vida adulta. Já 5% não tinham perspectiva quanto a isso, enquanto 13% não significam os aprendizados relevantes.

A mesma também constatou que o sonho de ascensão profissional por meio do esporte, quanto mais pobre, mais forte era esse sonho. Ao investigar as expectativas de crianças e adolescentes do PROESP, ela encontrou que 44% dos alunos desejavam tornarem-se esportistas profissionais. Ao pesquisar as crianças e os jovens participantes de outro projeto social, o PIM (Primeira Infância Melhor) que ocorria em Curitiba, este sonho de profissionalização do esporte também é encontrado entre os mesmos.

Ainda sobre o PROESP, outro ponto encontrado, é o esporte enquanto agente da socialização e de alargamento das redes de sociabilidade. Ao entrevistar os alunos desse projeto social, é possível encontrar nas falas dos alunos: “fiz muita amizade aqui”, “conheci muita gente boa”.

Além disso, o esporte é visto tanto para os alunos como para as mães entrevistadas, como um formador de comportamentos. Entre os alunos entrevistados surgiram falas como:

“o esporte ensina a gente a ser educado, respeitar os mais velhos, não dizer palavrão” Zaluar (1994, apud Eiras 2009). Já as mães afirmaram que seus filhos ao participar do PROESP, adquiriram noção de responsabilidade pelo do esporte.

Sobre o PROESP, era unanimidade entre as mães questionadas por ela, de que o projeto era importante para evitar que os alunos ficassem perambulando sem atividades e solto nas ruas. Os responsáveis questionados por Marques e Krug (2008) e Mendes et al. (2007), também possuem a mesma visão acerca da importância do tempo passado pelos alunos no projeto.

Porém, ao questionar os alunos desse projeto sobre a importância deste projeto, responderam que fazer as atividades do programa importava em ter alguma coisa para fazer quando não estavam na escola segundo a autora. As mesmas respostas foram dadas para Marques e Krug (2008), e disseram inclusive que o programa era bom, pois pelo menos não estavam em casa. Não fogem a essa percepção também, as responsáveis pelos alunos que foram interrogadas por Mendes et al. (2007 apud Eiras, 2009). Estas também disseram que ter os filhos neste programa às ajudava a evitar que os mesmos se envolvessem com os problemas nas ruas, especialmente o uso de drogas.

Mendes et al. (2007 apud Eiras, 2009), ao avaliar o Programa Segundo Tempo tendo como referência os pais dos alunos, também encontram alta perspectiva de ascensão social por meio do esporte. O esporte, segundo os pais, é uma forma de melhorar a condição de vida do filho participante e também da sua família como um todo. Silveira (2007 apud Eiras 2009) complementa:

O esporte ganhou no senso comum uma imagem de passaporte para a ascensão social. Seja por influência da mídia, onde há uma divulgação de histórias de jogadores famosos que saíram de classes inferiores, seja por influência dos pais ou até mesmo de projetos sociais, algumas crianças pobres e jovens pobres vêem no esporte uma possibilidade de escapar do seu destino de operário ou trabalhador.

Marques e Krug (2008), ao investigar o Programa Segundo Tempo, também encontraram a oportunidade de realizar as atividades em grupo como um fator fundamental para a participação das crianças e adolescentes no programa. Reverdito (2016, p. 02) também explica sobre o Programa Segundo Tempo:

é a maior iniciativa governamental de esporte e lazer, que prioriza áreas de vulnerabilidade social e tem como foco a democratização do acesso à prática e a cultura do esporte. O programa, no âmbito do macrossistema, tem como

prioridade o atendimento a crianças, adolescentes e jovens expostos à situação de risco social e da universalização do esporte, como ferramenta para potencializar elementos educativos.

Rezende (2002) declara que a boa aceitação dos projetos centrados nos esporte entre os jovens é que os projetos são capazes de preencher as necessidades dos jovens, promovendo, assim, uma sociabilidade positiva. Além de aumentar os vínculos sociais, para as crianças e adolescentes do projeto Esporte Clube Cidadão em Porto Alegre, atualmente é atendida 390 educandos entre 07 e 16 anos de idade, por meio de atividades complementares nas áreas de Educação Física, Artes, Expressão, Pedagogia e Serviço Social. A participação de crianças e jovens no projeto pode ser motivada por iniciativa própria ou encaminhamentos feitos por Órgãos Públicos da comunidade como Prefeitura, FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania), Conselho Tutelar, Ministério Público e Escolas. O esporte é um meio de descontração, diversão e desenvolvimento pessoal (VARGAS, 2007).

Ao averiguar o cotidiano do programa Esporte Clube Cidadão, Vargas (2007) percebe que há uma consciência dos responsáveis pelos alunos de que o projeto é também parte da formação humana como cidadão, que possui um âmbito educativo, ajuda a motivar a formação de um bom caráter e protege as crianças da ociosidade nas ruas. Em linhas gerais, percebe-se que para os alunos, os projetos representam uma possível ascensão pelo esporte, representam a chance de se destacar e manter uma unidade com a comunidade, mesmo que em alguns momentos, aparentam não entender que exista alguma importância em participar de projetos esportivos.

O autor ainda explana que há uma grande preocupação dos pais que trabalham e não tinham e/ou não tem onde deixar os filhos após a escola, entre outras situações. Por outro lado, reconhecem no projeto Esporte Clube Cidadão “um porto seguro” para seus filhos, no sentido que as crianças não ficam na rua e, desta forma, ficam longe das influências negativas. Um dos aspectos que consideram relevantes, além dessa “proteção”, é que elas podem ter infância, brincar, estudar, ter acesso às artes, à inclusão digital, ao esporte podendo fazer aflorar suas habilidades e ter uma convivência sadia.

Não é difícil concluir que os projetos esportivos possuem como público alvo pessoas com situação financeira vulnerável, mesmo que esses projetos se originem de diferentes regiões ou programas sociais, esse fator é predominante e inquestionável. Esses programas não objetivam somente ensinar o esporte, como já se sabe, mas oferecer referências altruístas a quem talvez não as tenha, possibilitando o ensino de valores e princípios.

A importância dos projetos esportivos não pode ser visto como subjetivo. Esses projetos são como “pontes em precipícios” e como atalhos em caminhos tortuosos, pois eles intervêm nas relações sociais dos alunos e de toda a sua comunidade, criando novas possibilidades de transformação. Por isso, o aluno que se matricula nesses programas não pode ser visto apenas como um indivíduo que frequenta algumas aulas de um esporte ou outro, mas como alguém que está intervindo em sua história e aprendizagem de maneira muito positiva.

Machado (2015) cita que o referencial técnico-tático diz respeito à organização e sistematização pedagógica das modalidades esportivas para a vivência e prática das mesmas, além da escolha metodológica para sua aplicação. Já o socioeducativo trata de valores e modos de comportamento que podem ser estimulados se intencionalmente organizados e sistematizados como conteúdo esportivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve em nosso país, na última década, uma abertura ousada de projetos de inclusão com referência esportiva, o que levou e leva às discussões de procedimentos pedagógicos teorizados por alguns pensadores, causando diferentes opiniões sobre o que deve e não deve ser feito neste sentido. Galatti (2008) destaca que educar é levar aquele que está num saber mais baixo para um saber mais alto. E porque estar num saber, é estar no nível da realidade que esse saber dá, educar é levar alguém de uma realidade mais baixa para uma realidade mais alta. O que torna patente o caráter instrumental do ensino, da aprendizagem e dos saberes e competências.

Há discussões no âmbito acerca do planejamento do ensino dos jogos coletivos, pois algumas proposições entendem que estas aulas possam proporcionar ao aluno muito mais do que o ensino de técnicas sendo responsáveis também pela formação humana, ao possibilitar descobertas, tais como comportamentos que possuem referências, valores usados em outras situações em nossa vivência.

O aluno, ao participar de aulas com este enfoque, o da formação humana, objetivo que se encontra claramente na pedagogia do esporte, tem assim a oportunidade de conhecer as capacidades, um indivíduo autônomo. É necessário sim, que a criança esteja apta a competir, a executar os movimentos esportivos, mas antes disso, que entenda os momentos de aprendizados com significados muito além do que um movimento corporal pode fornecer.

Os projetos sociais e esportivos que atendem crianças e adolescentes devem primar por esta metodologia de ensino, buscando desenvolver os alunos integralmente. Considerar as individualidades de cada aluno e potencializar sua busca pelo aprendizado traz consequências positivas não apenas para o desenvolvimento no esporte como também para a vida.

Concluimos que a Pedagogia do esporte deve ser fundamento do ensino para professores, tanto no âmbito escolar, como esportivo e social, a fim de formar crianças pensantes, participativas e inteligentes.

REFERÊNCIAS

- BALBINO, H. F. *Pedagogia do Treinamento: Método, Procedimentos Pedagógicos e as Múltiplas Competências do Técnico nos Jogos Desportivos Coletivos*. 2005. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.
- EIRAS, S. B. *Projetos sociais esportivos: quais os objetivos de quem oferta e de quem participa?* (Mestrado em Educação), 2009.
- FLORENTINO, J. A.; FLORENTINO, F. R. A.; FAVIEIRO, C. P. *Corpo objeto, corpo liberto: um olhar das ciências sociais a respeito do corpo na contemporaneidade*. In: III SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, Porto Alegre: Instituto de Educação da UFRGS, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALATTI, L.R.; *Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos*, 2008.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). *O ensino dos jogos desportivos coletivos*. 3 ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.
- GRECO, J. P.; BENDA, N. R. *Iniciação esportiva universal: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- LIBANEO, J. C. *Democratização da escola pública: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MACHADO, G.V.; GALATTI, L.R.; PAES, R.R. *Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica*, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/48275/34216>> acesso em 01 de Abril 2017.
- MARQUES, M. N.; KRUG, M. R. Educação Física Escolar: expectativas, importância e objetivos. *Revista Digital*, a.13, n.122, 2008. Disponível em

<http://www.efdeportes.com/efd122/educacao-fisica-escolar_expectativasimportancia-e-objetivos.htm>. Acesso em 18 Fev. 2017

MENDES, V. R. et al. *Como os pais percebem a participação dos filhos no Programa Segundo Tempo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., Pernambuco. Anais... Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/>>. Acesso em: 18 Fev. 2017

MESQUITA, I. GRAÇA, A. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 269-283.

MICHELINI, M. C. *O Futsal a partir da Teoria de Esportes Coletivos de Claude Bayer*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. *Dimensões pedagógicas do esporte*. Brasília: UnB/CEAD, 2004.

NISTA-PICCOLO, V. L. *Pedagogia dos Esportes*. Campinas (SP): Papyrus. 2003.

PEREZ, T. P. *O Ensino do Voleibol: do jogo jogado ao jogo jogante*. 2007. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade Adventista de Educação Física, Campus Hortolândia, Universidade Adventista de São Paulo, Hortolândia, SP, 2007.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. *A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos*. *Motriz*, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51-63, 2007.

REVERDITO, R. S. *O Programa Segundo Tempo em municípios brasileiros: indicadores de resultados no macrossistema*. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/31303/18006>>. Acesso em 21 Abril 2017.

REZENDE, M. A. *A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa: considerações sobre política social de uma escola de samba do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. UERJ. 2002. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/monografias/rezende.pdf>>. Acesso em 18 de fev. de 2017.

RODRIGUES, H. A. *O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir do referencial técnico-tático e sócioeducativo*. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/download/16770/14611>>. Acesso em 29 Abril 2017.

SANTANA, W. C. *Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas*. Guanabara Koogan p. 03 e 04, 2005. Disponível em: <<http://sistemas.eeferp.usp.br/myron/arquivos/7844237/1ec4ae925a770f25833653c3f6dc3eda.pdf>>. Acesso em: 21 Abril 2017.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. *Pedagogia do Esporte*. In: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS – ME. *Dimensões Pedagógicas do Esporte*. Brasília: Unb/Cad, 2004.

SOARES, I. A. *Estudos Sobre a Iniciação Esportiva: Revisão de Literatura Sobre Métodos e Fases de Ensino*, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000448529>>. Acesso em 21 Abril 2017.

VARGAS, L. S. *Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do “Projeto Esporte Clube Cidadão”*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5190/5583>>. Acesso em: 18 Fev. 2017.